

C I D S E I X A S

DO INCONSCIENTE À LINGUAGEM

Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud



<https://issuu.com/cidseixas/docs/inconsciente>

e-book.br
EDITORIA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A pesquisa que resultou neste estudo teve o propósito de levantar, através dos textos fundadores, o lugar da linguagem na teoria freudiana, enquanto condição da consciência e emergência estrutural do inconsciente.

Paralela e independentemente dos postulados de Saussure, Freud esboçou uma teoria neurológica da linguagem que ultrapassa os limites da ciência, situada no limiar dos séculos XIX e XX, para se inscrever entre as formulação de uma nova e avançada filosofia da cultura.

Desde os escritos iniciais, passando pelo *Projeto* de 1895, até os últimos textos que nos legou, Freud vincula a linguagem verbal aos elementos das suas tópicas. A bibliografia constante deste trabalho coincide com os momentos da obra do criador da psicanálise nos quais a palavra fulgura como condição da consciência e estrutura concreta do inconsciente.

DO INCONSCIENTE À LINGUAGEM

Tipologia Times New Roman, corpo 12
Formato 12 x 18
88 páginas

Nossas páginas:
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br

Endereço deste e-book:
<https://issuu.com/cidseixas/docs/inconsciente>
<https://issuu.com/ebook.br/docs/inconsciente>

Cid Seixas

DO INCONSCIENTE À LINGUAGEM

Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud

e-book.br

EDITORIA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



EDITORIA UNIVERSITÁRIA DO LIVRO DIGITAL

CONSELHO EDITORIAL:

Adriano Eysen (UNEB)

Cid Seixas (UFBA/UEFS)

Itana Nogueira Nunes (UNEB)

Flávia Aninger Rocha (UEFS)

Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

2016

SUMÁRIO

NOTA PRELIMINAR	11
<i>1 Introdução: O verbo encarnado</i>	15
<i>2 Um adeus fantástico à anatomia: o Projeto de 1895</i>	21
2.1 Percepção e representação pela linguagem	26
2.2 Memória e realidade verbal	30
2.3 Linguagem como sistema e ação	37
<i>3 Linguagem: latente manifesto ou O inconsciente pronunciado</i>	43
3.1 O silêncio e o sintoma	47
3.2 Pronunciar o inconsciente	52
3.3 A representação como realidade	62
<i>4 Conclusão: O Olhar Caleidoscópico</i>	71
BIBLIOGRAFIA CITADA	73
LIVROS DO AUTOR	77
O QUE É A E-BOOK.BR	86



Depois de 1970, os discípulos de Lacan acentuaram a formalização de uma maneira que não deixava mais lugar para o jogo e para o sonho. A posição de Lacan sempre foi mais flexível que a de seus alunos: “Todos sabem que sou alegre, maroto, me divirto!”

Quando Chomsky propôs a Lacan uma teoria linguística conforme o espírito das equações newtonianas, Lacan respondeu: “Sou poeta.” Foram os alunos de Lacan que transformaram a matemati-zação num projeto a ser seguido ao pé da letra. Em Lacan havia lugar para a astúcia dos poetas.

MAUD MANNONI

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do ungênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

O EVANGELHO, SEGUNDO SÃO JOÃO

Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.

WITTGENSTEIN

O homem fala, mas é porque o símbolo o fez homem.

JACQUES LACAN

NOTA PRELIMINAR

Estas anotações têm por objetivo levantar, através dos textos fundadores, o lugar da linguagem na teoria freudiana, enquanto condição da consciência e emergência estrutural do inconsciente. Paralela e independentemente dos postulados de Saussure, Freud esboça uma teoria neurológica da linguagem que ultrapassa os limites da ciência, situada no limiar do século, para se inscrever entre as formulação de uma nova filosofia da cultura.

Evidentemente, a referência a outros autores tem função adicional e secundária, uma vez que se pretende observar como Freud, desde os escritos iniciais e o *Projeto* de 1895, até os últimos textos que nos legou, vincula a linguagem verbal aos elemen-

tos das suas tópicas. A bibliografia de Freud constante deste trabalho coincide com os momentos da sua obra nos quais encontrei a palavra como condição da consciência e estrutura concreta do inconsciente.

Por outro lado, as observações que uso arriscar no prazer de fazer o texto devem muito a duas circunstâncias.

A primeira, uma tentativa de trazer a psicanálise para o espaço da universidade, liderada por Jairo Gerbase, em 1980, que resultou no estabelecimento meteórico de um grupo de estudos freudianos do qual participamos: Gustavo Etkin (recém-chegado ao Brasil), Wendel Santos (do Centro de Estudos Freudianos de Goiás), Maria Angélia Teixeira, Nora Gonçalves, Marcus do Rio, dentre outros. Aí tive oportunidade de ministrar um curso de extensão, oferecido pelo Departamento de Psicologia da UFBA e coordenado pelo psicanalista Jairo Gerbase, onde eram buscadas as articulações da psicanálise com as chamadas ciências da linguagem.

A segunda circunstância, decorrente da preparação do meu doutorado em literatura, em 1983, quando aproveitei para uma atualização no âmbito

da psicanálise, foi constituída pelas aulas, na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, ministradas por Luís Carlos Nogueira, do Departamento de Psicologia Clínica, e Osmir Gabbi Jr., do Departamento de Psicologia Experimental da USP, em decorrência das quais nasceram estas observações.



INTRODUÇÃO: O VERBO ENCARNADO

1

Se não é o único, a linguagem é, pelo menos, o principal meio de acesso ao inconsciente, quer entendido adjetivamente, como aquilo que não é consciente, ou substantivamente, isto é, como um sistema *Inconsciente* (Ics.).

Talvez o leitor possa argumentar que, em certos casos, as percepções oriundas de fatos e estímulos provenientes do mundo exterior dispõem de um estatuto consciente, independentemente da linguagem ou das representações verbais. No caso dos animais, no entanto, onde a linguagem, no sentido estrito de sistema simbólico, inexiste, não se pode falar em ausência ou presença da consciência.

Levando em conta o fato de que, com o homem, o problema da percepção rejeita uma compreensão simplista (Freud, 1938, p. 187), teremos mesmo que abandonar o conceito adjetivo de *consciente* em favor da compreensão do *Consciente* também como sistema (Cs.). Sabe-se que Freud fundou a concepção das suas duas tópicas na compreensão sistêmica das instâncias mentais, tendo dedicado especial interesse à estrutura da consciência. Como o estudo desta instância pertencia mais ao campo da psicologia e menos ao da nova disciplina por ele instaurada, o assunto não tem relevo na tradição dos estudos sobre as suas obras psicanalíticas. Isto não quer dizer, no entanto, que ele tenha dispensado a compreensão do Consciente para chegar à instância mais complexa, o Inconsciente.

Para o animal humano, os processos simbólicos de pensamento desempenham um papel preponderante, superior mesmo aos processos de “percepção imediata” da realidade exterior. A experiência concreta do homem é submetida à realidade do pensamento – e só tem existência, perante a consciência, pela mediação da linguagem.

Ao contrário do que se pode argumentar, com base numa crença longamente difundida segundo a qual a linguagem é reduzida a um sistema de rótulos para coisas previamente formadas, aprendemos com Freud que mesmo as percepções oriundas de fatos e estímulos do mundo exterior só adquirem estatuto consciente quando submetidas aos processos interiores do sujeito, ou à realidade de pensamento. Segundo um raciocínio desta ordem, a percepção compreendida como simples apreensão do mundo exterior é mais um fenômeno fisiológico do que psicológico. A intersecção do sujeito é a marca da mudança, da diferença. Convém, portanto, distinguir a percepção enquanto fato essencialmente fisiológico de um outro tipo de fenômeno: a percepção exclusivamente humana, que se inscreve entre os fatos da vida psíquica, após o ultrapasse da barreira imanente de uma instância fisiológica.

Não se pode desconsiderar o salto qualitativo ocorrido com o homem em relação à cadeia animal, onde os processos simbólicos, no dizer de Cassirer, ou os processos verbais, no de Freud, desempenham um importante papel. O fundador da psicanálise privilegia a semiótica verbal, o que vejo

aqui como uma manifestação da crença no papel piloto desempenhado pela língua, geralmente aceita como modelo para inumeráveis códigos e linguagens (não verbais) que constituem o universo humano.

Não por acaso, a psicoterapia de pacientes histericos representa o ponto de partida da psicanálise, e seu interesse inicial. Breuer, no caso de Anna O., conta-nos que sua paciente se referia ao método por ele empregado como “cura pela conversa” (*talking cure*), fato que não deixa de ser notado por Freud, que levará este método à mais alta depuração, ao ser desvinculado do emprego da hipnose.

Talvez, deva-se apontar como causa da possível desvinculação da psicanálise com as ciências médicas, e sua consequente inserção no conjunto das ciências da cultura, o fato de Freud ter demonstrado a eficácia da substituição dos medicamentos pela escuta da palavra em diversos quadros de distúrbios mentais; o que acabou com a relação unidirecional entre o paciente e o sujeito do saber. Este espaço seria preenchido, transferencialmente, pelo sujeito do suposto saber, o psicanalista; en-

quanto o paciente cede lugar ao analisante, ou ao sujeito do discurso. Ao contrário das terapias médicas e psicológicas, a psicanálise não encontra sustentação na autoridade de um sujeito que sabe e diagnostica a verdade ou o mal do outro, mas requer a relação entre sujeitos envolvidos num processo verbal, onde é a linguagem *Quem sabe*.

Jacques Lacan observa que a obra completa de Freud nos apresenta, para cada três páginas, uma que trata da linguagem, e que em *A interpretação de sonhos* “não se trata em todas as páginas senão do que nós chamamos de a letra do discurso, em sua textura, em seus empregos, em sua imanência à matéria em causa.” (Lacan, 1966, p. 240).

É curioso notar como, depois da descoberta freudiana, surgiram diversas psicoterapias, menos radicais e menos dispostas a rasgar o cenário das grandes ilusões; algumas destinadas a traduzir e imprimir no (im)paciente o discurso da cultura, o que termina por transformar o sujeito num mero predicado, ou *persona* da fábula de Esopo: *máscara*. Quase todas, porém, se consideram inovadoras quando substituem a revolucionária ênfase dada por Freud à linguagem verbal pela adoção de

outras linguagens, voltando ao velho bordão que declara a insuficiência da palavra para dizer a condição do homem. Esquecem, porém, que a língua é uma semiótica na qual todas as outras podem ser traduzidas (Hjelmslev, 1943), isto é, que através da palavra o homem não só expressa, de modo mais preciso, tudo aquilo que diz por outros meios, como também modela seu pensamento e sua ação. Deste modo, o afloramento da palavra traz no seu bojo de som e ideia a encenação de todo o drama da existência que, só de modo fragmentário e incompleto, pode ser expresso por outros signos.

Eis aí o valor extrínseco da teoria freudiana e o seu crescente interesse por parte do discurso científico e humanístico; o que não deixa de ser também um valor intrínseco. Aproximo aqui o *parti pris* de Freud da máxima de Wittgenstein, lógico que viveu a mesma Viena, e proclamou: “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.” (Wittgenstein, 1922, p. 111).

UM ADEUS FANTÁSTICO À ANATOMIA: O PROJETO DE 1895

2

Freud dedicou muito de sua energia a um trabalho inicialmente chamado, nas cartas a Fliess, de *Psicologia para neurologistas*, também conhecido como *Projeto para uma psicologia científica*, designação adotada por James Strachey, responsável pela edição crítica inglesa, a *Standard Edition*. Neste complexo esboço que precede à estruturação da psicanálise, já estamos diante de uma passagem da neurologia para a psicologia, o que leva Paul Ricoeur a afirmar que o *Projeto* é “um adeus à anatomia sob a forma de uma anatomia fantástica.” (Ricoeur, 1956, p. 76)

É verdade que o filósofo vacila entre a caracterização do texto como essencialmente energético

ou como já contendo uma forte direção hermenêutica, mas não se pode deixar de notar que é o próprio *Projeto* de 1895 que nos conduz, guiados pelo seu autor, à necessidade de substituição da noção de “aparelho psíquico”, entendido enquanto uma máquina, a exemplo dos modernos computadores (ainda desconhecidos quando Freud formulou o modelo), por uma outra menos concreta e mais semiológica, digamos, de um sistema de sistemas (*diassistema*), onde as figuras e falas constituem a cena.

Talvez se possa afirmar que o próprio texto do *Projeto* já contém a sua superação, quando confrontada a exposição do ponto de partida, enquanto premissa, com algumas das colocações que vieram a afluir para a moderna teoria freudiana, embora nascidas como peças da mecânica do *Projeto*. Creio que a mesma estranheza que Ricoeur percebe na leitura do capítulo VII de *A interpretação de sonhos* – onde a linguagem hermenêutica é substituída por uma terminologia energética, fisiológica e científica, com relação aos demais capítulos do livro – se verifica no confronto entre si das três partes do *Projeto*.

Passemos então à descrição da engrenagem dos neurônios, dando a palavra ao seu *inventor*: “A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco.” (Freud, 1895, p. 395) Nesta passagem todo ideal científico está resumido de modo eloquente, deixando uma herança tão forte que mesmo na obra da maturidade de Freud ainda se fará presente.

O conceito clássico de *neurônio* é retomado para explicar o funcionamento psíquico, através da passagem de *qualidades* – *Qs* – por três sistemas distintos: ϕ (*phi*), neurônios permeáveis, ligados aos sentidos; ψ (*psi*), neurônios impermeáveis, constituintes da memória; e ω (*ômega*), neurônios perceptivos, responsáveis pela consciência.

A noção de *Q* – e de *Qn* – utilizada no *Projeto* pode ser entendida, de modo aproximado, como *energia psíquica*; por outro lado, o termo *quantitativo* (referente a quantidade de energia investida) vai ser posteriormente substituído na obra de Freud por *econômico*.

Os neurônios ϕ (phi) são descritos como permeáveis por permitirem a passagem de Q_s , após o que voltam ao estado anterior, ficando mais uma vez aptos a transmitirem novas catexias. Já os do sistema ψ (psi), impermeáveis, retêm as catexias recebidas e obedecem a um complexo processo de liberação, através do que Freud chama de *facilitações*. A *memória* está representada pelas diferentes facilitações entre os neurônios deste sistema. Aliás, é a totalidade das catexias existentes nos neurônios ψ num determinado momento, que constitui o *ego*, entendido como um sistema inibidor dos processos psíquicos primários, isto é, aqueles processos regidos pela busca do prazer desvinculada da *indicação da realidade*, fornecida por ω (ômega).

Logo no início da tentativa de Freud de estruturar a psicologia como uma ciência natural, capaz portanto de interessar à classe médica, um problema se apresenta: os neurônios, “encarados como partículas materiais”, são catexizados por quantidades tanto endógenas (Q_n) quanto exógenas (Q), de forma que o modelo energético é explicado quantitativamente, isto é, pela passagem

de Qs, até que Freud admite a necessidade de existência dos neurônios do tipo ω e a conversão de *quantidades* em *qualidades*.

Os estímulos do mundo exterior, captados pelos órgãos dos sentidos, são transmitidos, formando catexias, de ϕ (phi) para ψ (psi), chegando até ω (ômega), quando as quantidades são revertidas em qualidades, ou são produzidas as sensações conscientes, isto é, quando se dá a *percepção*. É nesta passagem que o esboço da psicologia natural começa a se tornar pouco claro, ou mesmo contraditório, uma vez que se desmorona o solo da quantidade.

James Strachey, no comentário crítico que antecede à edição do *Projeto*, nos lembra que Freud terminou “repudiando toda a estrutura neurológica. Não é difícil adivinhar o motivo. Pois ele descobriu que sua maquinaria neurônica não dispunha de meios para explicar o que, em *The ego and the id*, descreveu como sendo «em última análise a nossa única lanterna nas trevas da psicologia profunda» – isto é, «a faculdade de estar consciente ou não». Em sua última obra, de publicação póstuma, *Esboço de psicanálise*, Freud reafirma que o ponto de

partida para investigar a estrutura do sistema psíquico “é proporcionado por um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição – o fato da consciência”. E conclui o editor crítico: “O *Projeto* deve continuar sendo o que é, uma obra inacabada, rejeitada por seu criador.” (Strachey, 1954, p. 393)

Com isso, penso que não se contesta a importância do esforço empreendido por Freud para fundar uma psicologia capaz de seduzir o espírito científico de caráter mecanicista dos neurologistas dos fins do século XIX – ou melhor, uma psicologia médica –, mas se acentua a ambivalência cautelosa do autor perante as limitações do seu texto.

2.1 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO PELA LINGUAGEM

Ao contrário do que pensa uma parte da tradição pós-freudiana, creio que a nossa discussão ganha sentido quando vai ao encontro da consciência e à procura da sua pré-condição: a linguagem. Assim como Freud considera a consciência como ponto

de partida para a investigação do sistema psíquico, ele também avança até a linguagem, chamada por Marx de consciência prática. Para o marxismo, a consciência existe enquanto tal para os homens e para a sociedade quando se torna prática, isto é, quando se faz linguagem (Seixas, 1979).

Apesar da tentativa de estruturar a psicologia como uma ciência natural, convém repetir, o *Projeto* opera uma permanente dialética entre conceitos “preocupadamente científicos”, que situam e datam o texto, e conceitos menos concretos, presentes nas ciências da cultura. Daí a afirmação de que a estranheza provocada pelo confronto dos diversos momentos de leitura do *Projeto* é similar àquela destacada por Ricoeur no capítulo VII de *A interpretação de sonhos*, como arremate dos capítulos precedentes. Se o livro utiliza, nas suas várias partes, uma linguagem intimamente comprometida com os temas tratados, neste capítulo toda a descrição é submetida à camisa-de-força de uma terminologia bem a gosto da tradição neurológica.

Já vimos que os neurônios ψ , que constituem o ego, são por si mesmos incapazes de distinguir a *realidade* da *alucinação* ou, mais exatamente, de

saber quando está diante de uma *percepção* ou de uma *representação*; ou ainda, do *real* ou do *imaginário*, como lemos no *Projeto*. A indicação da realidade é dada por ω , cujas catexias de neurônios trazem consigo a consciência e, além das qualidades sensoriais, as sensações de prazer e desprazer. Como a vida psíquica tende a evitar o desprazer, a tentativa primária é regida pela inércia ou pela redução de catexias. Deste modo, o desprazer coincide com o aumento de Q_s em ψ e a elevação da catexia em ω , enquanto o prazer corresponde à sensação de descarga.

O sistema ψ recebe tanto catexias endógenas, provenientes de estímulos internos, como a fome, a respiração e a sexualidade, quanto catexias exógenas; estas últimas, porém, só chegam a este sistema indiretamente, através de ϕ . Ora, o sistema ϕ (phi) está em contato com o mundo exterior e com a realidade objetiva, mas ψ pode tomar ocorrências provenientes do mundo interior e confundi-las com as externas transmitidas por ϕ . É por isso que o sistema ω (ômega) se faz necessário, fornecendo as *indicações de qualidade*, para que não ocorra a perda da realidade.

Estamos, em outras palavras, diante de dois fatos distintos, a *percepção*, proveniente do mundo objetivo, e a *representação*, que Freud define como recatexização da lembrança de um objeto, ou como “*catexia de desejo* de uma lembrança” (p. 430 e 434).

Com isso, podemos compreender o conceito de *pensamento*, cujo processo “consiste na catexização de neurônios ψ , com alteração das facilidades impostas por uma catexização colateral a partir do ego.” (p. 441) Os processos de pensamento visam a estabelecer um *estado de identidade*, confrontando as catexias emanadas do exterior com as catexias emanadas de estímulos psíquicos.

O pensamento, entendido como fluxo de catexias, é portanto um processo por si mesmo inconsciente; que independe do conhecimento do sujeito. Como então, segundo o ponto de vista do *Projeto*, os pensamentos inconscientes adquirem a qualidade de pensamentos conscientes? A resposta é encontrada quando observamos a riqueza do papel atribuído à linguagem enquanto sistema de signos verbais.

Deste modo, creio que não é descabido aqui um salto no tempo, recorrendo para confronto, a *O*

Ego e O Id, texto escrito cerca de trinta anos depois do *Projeto*: “O papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são *realmente percebidos* – como se proviessem de fora – e, consequentemente, são considerados verdadeiros.” (Freud, 1923, p. 36)

2.2 MEMÓRIA E REALIDADE VERBAL

É na terceira parte do *Projeto*, intitulada “Tentativa de representar os processos ψ normais” que vai aparecer, de modo explícito e constante, um sólido conjunto de referências à linguagem e aos processos verbais, constituindo uma teoria que permanecerá essencialmente inalterada e fundamentalmente arraigada ao núcleo da descoberta freudiana. Creio mesmo que a compreensão do *Projeto*, en-

tre outros aspectos, quanto a este, é condição necessária a um direcionamento mais seguro no âmbito da disciplina fundada por Freud.

A linguagem tem múltiplos papéis, auxiliando desde a aparição dos processos conscientes até a percepção e a indicação da realidade. Assim é que lemos passagens como: “Essa finalidade é cumprida pelas *associações verbais*, que consistem na vinculação de neurônios ψ com neurônios utilizados pelas representações sonoras, que, por sua vez, se encontram intimamente associadas com imagens verbais motoras.” (p. 478-479) Para Freud, a linguagem além de possibilitar o (re) conhecimento, através das *associações verbais*, torna efetivo outro trabalho de suma importância: a constituição da memória. “As facilitações entre os neurônios ψ constituem, como sabemos, a *memória*, ou seja, a representação de todas as influências que ψ experimentou a partir do mundo exterior. Agora percebemos que o próprio ego também catexiza os neurônios ψ e suscita passagens (de quantidades) que certamente devem deixar traços na forma de facilitações.” (p. 480)

Freud levanta a hipótese da comunicação entre os neurônios se dar através de *barreiras de contato* que possibilitam as *facilitações*. Como os neurônios do sistema ψ são impermeáveis – eles retêm as categórias, não permitindo a passagem das excitações, e constituindo a memória –, as *facilitações* tornam estes neurônios mais permeáveis, isto é, conduzem os estímulos recebidos de modo parecido com o do sistema ϕ . Desta forma, uma experiência já conhecida, ao ser associada a outra anterior, passa através das barreiras de contato, seguindo o seu curso. Em outras palavras, a experiência concreta é transformada em fato psíquico quando associada às representações verbais, sendo *re-conhecida* e ampliada pela memória. Graças às imagens motoras das representações verbais os fatos do mundo exterior passam a ter existência no âmbito da realidade psíquica; assim o ego também pode carregar de energia os neurônios ψ . O funcionamento da máquina neuronal descrita por Freud permite que ela se auto-alimente usando como recurso energético as imagens motoras. A realidade de um fato lembrado encontra concretude ou é marcada de modo sensível através das imagens

motoras das palavras. Se a comunicação exterior se dá para os outros através do que Saussure chama de *imagens acústicas* das palavras, a comunicação interior está ligada ao que Freud chama de *imagens verbais motoras*.

Cassirer nos fala da construção do mundo dos objetos pela linguagem, mostrando como este instrumento mediador marca de modo indelével a realidade material e concreta, (Cassirer, 1933) de forma a tornar difícil reconhecer o que é, de fato, proveniente do objeto ou o que nele se projeta pelo seu *constructo*. Como a linguagem equipara os processos internos de pensamento ao processo de recepção do mundo exterior, um fio fino e frágil separa a realidade psíquica da realidade social vivenciada. Por isso é que Freud observa que o sistema ψ “não dispõe de nenhum meio para discernir entre esses resultados dos processos de pensamento e os resultados dos processos perceptivos. Talvez seja possível (re)conhecer e reproduzir os processos perceptivos pela sua associação com as descargas de ω ; mas das facilitações estabelecidas pelo pensamento resta apenas o seu resultado e não uma lembrança. Uma mesma

facilitação de pensamento pode ter sido gerada por um único processo intenso ou por dez processos menos suscetíveis de deixar marca. As *indicações de descarga verbal* são, porém, as que vêm agora sanar essa lacuna; pois equiparam os processos de pensamento com os perceptivos, conferindo-lhes realidade epossibilitando a sua lembrança.” (p. 480)

Dois pontos devem ser tratados isoladamente nas passagens acima citadas do texto de Freud. Primeiro, as associações verbais possibilitam o (re)conhecimento, isto é, o confronto de uma experiência anteriormente vivenciada com uma nova verificação desta experiência, sistematizando e dando coerência a estes processos psíquicos. Em outras palavras, antes do conhecimento propriamente dito (que no caso do ser humano é sempre um reconhecimento, como podemos ver ao longo da exposição de Freud), ou antes do conhecimento tomado como imediato, se dá o conhecimento mediato: por meio da linguagem. De onde arrisco inferir que o conhecimento segundo Freud passa por três momentos: (1) o primeiro contato com o objeto cognoscível, (2) o estabelecimento das associações verbais e (3) a síntese disso tudo, que é o conhecimento propriamente dito.

Esta hipótese, se ligeiramente melhorada, no que diz respeito à compreensão do sistema linguístico, estará ligada à corrente da teoria do conhecimento que leva em conta o fato do homem precisar classificar para conhecer, isto é, confrontar os objetos, dispondo-os em classes, segundo uma escala referencial implícita na forma cognoscente. Assim é que se afirma que o homem conhece através da linguagem, submetendo os objetos às categorias linguísticas e fazendo surgir os objetos do conhecimento humano e social.

O segundo ponto a ser sublinhado no trecho acima transcrito diz respeito à memória. Como vimos, as percepções, os fatos captados no mundo exterior, podem deixar uma marca na lembrança, mas não os fatos interiores: resta apenas o resultado das facilitações estabelecidas pelo pensamento, e não uma lembrança, vimos acima. A linguagem atribui aos fatos psíquicos um estatuto de realidade comparável aos fatos externos, de onde Freud afirma que a linguagem equipara o pensamento com a percepção, conferindo realidade ao primeiro e *possibilitando a sua lembrança*. Esta é, portanto, mais uma função da linguagem, entendida como respon-

sável pela memória, pois ao conferir uma existência concreta, material, ao pensamento, através da textura das palavras, possibilita ao sistema ψ reter o diáfano na vivência do verbo.

Mesmo quando não pronunciado, em voz alta, um pensamento consciente se dá através de palavras, que são fatos do mundo exterior, fatos físicos na sua textura fônica, servindo assim de marcos externos para materializar fatos internos.

O pensamento permanece na memória porque o verbo vê na vida psíquica a mesma realidade da vida material, embora não ignore a distinção entre ambas. E este ponto é importante para a compreensão do desenvolvimento posterior da teoria freudiana: o *re-conhecimento* de uma outra realidade, paralela à *externa*, a *realidade de pensamento*. (Em textos posteriores estes termos são substituídos por *realidade concreta*, ou *material* e *realidade psíquica*).

“Portanto – como o autor do *Projeto* nos ensina – o pensamento que é acompanhado pela catexização das indicações da realidade de pensamento ou das indicações da fala representa a forma mais alta e mais segura do processo de pensamen-

to cognitivo.” (p. 490) Conhecer, segundo Freud, parece evidente, é um processo que se dá pela palavra – esta cômoda cápsula do pensamento, conforme já foi designada pela linguística sapireana. (Sapir, 1921)

2. 3 LINGUAGEM COMO SISTEMA E AÇÃO

Voltemos ainda às funções da linguagem no contexto do *Projeto*: “A inervação verbal é a princípio uma via de descarga que atua como válvula de segurança para ψ , servindo para regular as oscilações de Qn ; é uma parte da via que conduz à *mutan*ça *interna*, que representa o único meio de descarga enquanto não se haja descoberto a *ação específica*. Essa via adquire uma função secundária ao atrair a atenção da pessoa auxiliar (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de necessidade e aflição da criança; e desde então servirá ao propósito da *comunicação*, ficando incluída assim na *ação específica*.” (p. 480)

A função catártica da linguagem é apontada nesta passagem em que Freud atribui à fala a condição de via de descarga e, por isso mesmo, de válvula de segurança para o sistema ψ . Tal descarga é possível, não tendo sido descoberta a ação específica, mediante a mudança interna, isto é, através do que ele chama de *expressão das emoções*, o grito. Ora, sabemos que, de acordo com a teoria do *Projeto*, a descarga necessita da ação específica – no caso da fome, o alimento, da sede, a água, etc. O papel da linguagem é então de suma importância, porque substitui a ação específica, possibilitando a ocorrência de uma alteração interna que realiza tal função. Mas o eficaz é que a expressão da emoção, por ser expressão e, consequentemente, uma forma de comunicação, também integra a ação específica, porque atrai a atenção do objeto de desejo. No caso da criança, por exemplo, o grito, além de operar uma modificação interna, descarregando categórias, serve de meio de comunicação que traz até o sujeito o objeto desejado: a mãe; passando a ser uma forma de atuar sobre o mundo exterior; ou a integrar a ação específica. No âmbito da teoria freudiana, desde a demarcação de território opera-

da pelo *Projeto*, a palavra não pode ser compreendida como acessório ou “sobra da ação”, porque mesmo ao contornar, substituir ou representar a ação ela termina se integrando à própria ação – a qual passa a constituir.

São ainda estes dados do *Projeto* que nos levam a vislumbrar uma hipótese sobre a origem da linguagem esboçada por Freud: ele toma o grito, nascido da necessidade, como ponto de partida para a articulação da comunicação verbal. Esta hipótese estaria relacionada às especulações de Vico ou às de Rousseau, no *Ensaio sobre a origem das línguas*, onde os primeiros gritos dos primatas são compreendidos como primeiras formas de “significar” alguma coisa. O filósofo demonstra que nas regiões de difícil sobrevivência, os homens são obrigados desde cedo a se valer de processos de comunicação para conseguirem ajuda dos outros na luta contra o meio, visando a preservação. O que equivale a dizer que as línguas são filhas da necessidade, contrariando a crença romântica do próprio Rousseau de que a fala se fez para expressar o eu lírico. A primeira palavra dita pelo homem, em tais circunstância, admite, não foi *amai-me*, mas *ajudai-me*. Não foi

aimez-moi, mas *aidez-moi*; muito próximas no som, mas distantes no sentido. (Rousseau, 1755)

Mas não nos afastemos muito do *Projeto* de Freud, voltando a discutir pontos importantes para o nosso tema: “Não resta dúvida, porém, que o processo de pensamento deixa efetivamente atrás de si traços duradouros, uma vez que um segundo pensamento, um repensar, exige menor esforço (de energia) do que o primeiro. Portanto, a fim de que a realidade não seja falseada, faz-se necessário a existência de traços especiais, signos do processo de pensamento, que constituam uma *memória-de-pensamento*”. (Freud, 1895, p. 442-443)

Estes signos são evidentemente as palavras; e aqui deve ser incluída uma referência à linguística de Ferdinand de Saussure, para quem os *signos* são constituídos por um *significado* e um *significante*, ou por uma *imagem mental* e uma *imagem acústica*. É importante lembrar que a imagem acústica da sequência de fonemas da palavra “casa”, por exemplo, não se refere a um objeto material, a uma “casa” qualquer, mas à imagem mental que o sujeito falante tem do que venha a ser uma casa; resultado, portanto, da sua vivência e da

sua relação com uma série de objetos percebidos e classificados como tal. Por isso, porque o significado está despido de uma referencialidade objetiva, o signo linguístico é considerado por Saussure uma entidade fundamentalmente psíquica.

Ora, da passagem acima de Freud, pode-se depreender que o conteúdo dos signos (o significado) não é formado pela realidade exterior, mas pela sua representação na mente, isto é, pelo que Saussure chamou de *imagem mental*. Neste particular, a colocação de Freud está rigorosamente de acordo com a semiologia ou a linguística de base saussureana.

Para terminar esta primeira parte de referências ao *Projeto*, onde a linguagem é vista como meio de transformar os pensamentos inconscientes em conscientes, deixe-se claro que Freud considera a fala o meio mais completo para construção do consciente, suspeitando porém que outros meios possam cumprir, embora de modo vago, tal papel. Sómente depois de compreender as relações entre linguagem e consciência é que Freud se dedica a aprofundar os estudos das suas relações com a instância mais complexa e profunda – o inconsciente.



LINGUAGEM: LATENTE MANIFESTO OU O INCONSCIENTE PRONUNCIADO

3

Vale afirmar que o interesse de Freud pela linguagem coincide com a sua descoberta: a psicanálise, destinada, segundo as intenções que tecem o discurso freudiano, a repensar a cultura e o homem. Um projeto tão ambicioso confere a esta disciplina a possibilidade de se superar como ciência, enquanto se inscreve e repensa como filosofia.

Senão, vejamos, através de uma breve revisão de textos, através do tempo, que a reflexão sobre a linguagem está intimamente ligada à reflexão sobre o psiquismo, ou sobre a própria condição humana – que se interpenetram. Evidentemente, não pretendo aqui fazer um levantamento exaustivo do papel da linguagem na obra de Freud, o que implica-

ria num estudo de todos os textos fundadores da psicanálise (que, afinal, é também, ela mesma, uma ciência da linguagem). A intenção é apenas sublinhar as relações entre linguagem e consciência, e mostrar como Freud descobre a palavra como meio de pronunciar o inconsciente. Assim, está justificada a ausência de textos clássicos onde o autor também toma por objeto as estruturas verbais, como *Psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, dentre outros.

Mesmo durante a chamada fase pré-psicanalítica, ele já se ocupa do simbólico, em geral, e, especialmente, do verbal. Na quase desconhecida monografia sobre a afasia, de 1891, há uma passagem nitidamente semiológica, que teremos oportunidade de lembrar mais adiante (no item 3.3) pelo que ela tem de pertinente com relação à teoria do autor.

Os distúrbios da linguagem já aparecem no artigo de 1888 para a encyclopédia de Villaret, tratando da “Histeria”, embora ainda não se arrisquem formulações mais ousadas a respeito da atuação das representações verbais. Ao demonstrar que as paralissias histéricas não levam em conta a estrutura

anatômica do sistema nervoso, Freud não chega ao porque deste fato de ordem psíquica. Somente mais tarde observa que, enquanto as paralisias motoras orgânicas apresentam o comprometimento de todas as partes integrantes de uma mesma estrutura onde o fenômeno se verifica, no caso das paralisias motoras histéricas tudo se dá “como se a anatomia não existisse” ou como se a histeria “não tivesse conhecimento desta.” (Freud, 1893, p. 234)

O motivo não lhe escapa: é que as paralisias histéricas agem de acordo apenas com a acepção e os limites que a língua atribui a um determinado órgão, segundo a semântica usual. Se o braço é atingido, a paralisia histerica não vai além daquilo que a língua denomina de braço, isto é, aquilo que o sujeito comprehende como sendo o significado de “braço”; desconhecendo todo o sistema muscular e de inervação que, de fato, nas paralisias orgânicas, comanda o sintoma, de acordo com a estrutura anatômica.

Assim é que os *Estudos sobre a histeria*, inspirados por Breuer, levam em conta um conjunto de premissas onde o que aí se denomina de *expressão verbal* ocupa o centro do objeto. A

constatação é eloquente: “Verificamos pois, inicialmente para nossa grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia imediata e permanentemente quando conseguíamos evocar, nitidamente, a lembrança do fato que o provocou e despertar a emoção que o acompanhava, e quando o paciente havia descrito aquele fato com os maiores detalhes possíveis e traduzira a emoção em palavras.” (Breuer & Freud, 1893. p. 47).

A compreensão verbal do conflito, transformando em *signo* aquilo que antes era impronunciável, substitui o *sintoma* e traz para a luz da consciência o recalcado. Por outro lado, já vimos, na discussão do *Projeto* de 1895, que a ação específica pode ser substituída pela representação verbal, tese que reaparece agora com a constatação de que a reação ao trauma só tem efeito catártico quando é uma reação adequada e de igual intensidade. “Mas a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, uma reação pode ser “ab-reagida” quase que com a mesma eficácia.” (Breuer & Freud, 1893, p. 49) A intensidade das catexias empregadas na descarga verbal pode substituir uma ação reparadora do trauma muito mais custosa, porque a *ab-reação*

pela linguagem permite ao indivíduo responder a uma provocação patológica sem inscrever a sua ação numa resposta também patológica.

Não era por acaso que as orações medievais, com o poder cortante da palavra e da carne retornada ao estado de verbo, exorcizavam os demônios que rondavam o corpo de padres, monjas e crentes. Embora um exorcismo incompleto, por quanto o verdadeiro demônio da moralidade sexual não se pronunciava...

O verbo encarnado não podia – e não devia – ser conjugado.

3.1 O SILENCIO E O SINTOMA

A troca do silêncio pela palavra pode representar o aniquilamento do sintoma, porque a realidade verbal e sua ação se integram plenamente nos processos reais onde o sujeito tem lugar. Compreender a estrutura do discurso é o modo mais seguro de compreender o latente, posto que a palavra é o latente manifesto.

Numa carta a Fliess, datada de 1897, Freud comunica a confirmação da sua hipótese, no que concerne à neurose obsessiva, de que o reprimido irrompe nas representações verbais e não nos conceitos a elas vinculados.

É evidente que se afirme, tendo em vista a leitura dos textos de Freud, que a palavra, mesmo através da sua negação, se põe a serviço da espionagem do recalcado. É o que anos mais tarde vai constituir o tema de um pequeno artigo onde se afirma que os processos de negação constituem os primeiros modos de liberdade do que está submetido ao recalque (Freud, 1925). Negar a existência de um determinado fato é um modo de fazer este fato existir na ossatura das palavras e, portanto, de começar a admitir a sua existência. “No princípio era o verbo”, nos lembra o texto da Escritura de João.

O relato de um sonho deve ser escutado na plenitude do seu discurso cifrado, e a tradução do sonho na narrativa verbal diurna é uma forma de trazer à consciência o desconhecido. “Ao interpretar sonhos, não dedicamos menos importância a todo matiz da forma das palavras pelas quais eles nos foram apresentados e mesmo quando acontecia que

o texto do sonho, tal como o tínhamos, era sem sentido ou inapropriado – como se a tentativa para dele prestar um relato correto houvesse sido mal sucedida – levamos também essa falha em consideração. Em suma, tratamos como se fosse a Sagrada Escritura aquilo que autores precedentes haviam encarado como uma improvisação arbitrária, apressadamente remendada na perplexidade do momento.” (Freud, 1900, p. 548)

É por isso que Ricoeur, no ensaio sobre Freud, *Da interpretação*, insiste que a psicanálise propõe o primado da hermenêutica. Enquanto esta ciência estuda atentamente a *letra* e o *espírito* das Escrituras Sagradas, Freud pretende um rigor próximo na análise dos discursos e relatos de sonhos ou de fantasias, onde *todo matiz da forma das palavras* deve ser considerado com um critério digno da mais exigente análise do discurso ou da mais apurada operação hermenêutica.

Tanto o *Projeto* de 1895 quanto o capítulo VII de *A interpretação de sonhos*, que retoma a tentativa de sistematização do rejeitado texto, nos levam a compreender o inconsciente enquanto difuso, não ordenado pela linguagem, pré-semiótico, onde

reina e jaz a intemporalidade. As categorias de tempo, presentes nas línguas dos chamados povos civilizados e representadas analiticamente pela riqueza de flexões do latim ou do português, não se encontram no inconsciente descrito por Freud. Do mesmo modo que o inconsciente é intemporal, algumas línguas de povos selvagens, em contraste com a perplexa razão das línguas cultas, não contêm as noções temporais na sua estrutura.

Para Freud, o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, a esfera maior que comprehende a menor, o consciente, no seu interior. A linguagem verbal cumpre a tarefa de ordenar uma determinada porção de material inconsciente e trazê-la para o mundo das relações intersubjetivas, ou para o mundo social e simbólico dos homens. O inconsciente “nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo exterior e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos.” (Freud, 1900, p. 651) A realidade apreendida pelo homem, através dos seus sentidos e processos simbólicos, é apenas uma metonímia, ou uma mostra caricatural, da realidade

objetiva pura, ou realidade natural, inacessível ao conhecimento na riqueza da sua totalidade difusa.

A realidade psíquica conhecida, vista aqui em analogia com a realidade simbólica, social, é, do mesmo modo, uma projeção parcial do inconsciente, por isso mesmo chamado por Freud de *verdadeira realidade psíquica*. Assim como a percepção do mundo exterior passa pela mediação da linguagem, a realidade do mundo interior também está submetida ao mesmo processo, conforme já foi demonstrado. Evidencia-se então que o homem está cercado pela cadeia simbólica da linguagem, não apenas nos seus processos subjetivos e intersubjetivos, mas também nos processos e relações com o mundo dos objetos e fenômenos naturais. Cassirer, na esteira de Rousseau e de outros que rejeitaram o culto incondicional à razão, deixa para trás a classificação do homem como *animal racional*, propondo a de *animal simbólico*; assim como Wittgenstein afirma que tudo que fica além da linguagem é simplesmente absurdo (Wittgenstein, 1922).

“É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava sim-

plexas apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais.” (Freud, 1911, p. 281) Para compreender o pensamento humano na sua forma consciente, temos que admitir o suporte da linguagem, que estrutura não apenas o conhecido, mas também, e isso muito provavelmente, estrutura o inconsciente – se é que este é estruturado, como se supõe. Mais uma vez temos que repetir Wittgenstein, cujo pensamento se aproxima do de Freud: além da linguagem, só o absurdo.

3. 2 PRONUNCIAR O INCONSCIENTE

As questões levantadas no item “O inconsciente e a consciência – realidade”, que fecha *A interpretação de sonhos*, vão se fazer presentes no ensaio básico de Freud dedicado à concepção sistemática de uma instância maior da vida psíquica. Pode-se inferir, da leitura de “O inconsciente”, que a linguagem, em relação a esta instância, teria papel análogo ao dos órgãos sensoriais com relação às

percepções do mundo exterior (cf. p. 197), embora os problemas da expressão verbal só sejam discutidos explicitamente na última parte do trabalho (no capítulo “Avaliação do inconsciente”, na página 224). Ele nos lembra que muito do que é expresso na esquizofrenia como sendo consciente, nas chamadas neuroses de transferência só pode ser descoberto no Ics. através da análise; isto é, precisa ser falado para que tenha acesso ao Cs.

Do mesmo modo que alguns estudiosos da linguagem procuram, vincular a estrutura sintática do discurso e a organização frasal com os processos de pensamento ou com a estrutura e a organização psíquica do falante, Freud quer encontrar conexões entre *a relação do objeto do ego e as relações da consciência*. E anuncia: “O que procuramos parece apresentar-se da seguinte, e inesperada, maneira. Nos esquizofrênicos observamos – especialmente nas etapas iniciais, tão instrutivas – grande número de modificações na *fala*, algumas das quais merecem ser consideradas de um ponto de vista particular. Frequentemente o paciente devota especial cuidado a sua maneira de se expressar, que se torna “afetada” e “preciosa”. A construção de suas fra-

ses passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós, a ponto de suas observações parecerem desparatadas". (Freud, 1915, p. 225) Parece que o ponto de vista do nosso autor está de acordo com a concepção da filosofia da linguagem aqui resumida nos seguintes termos: a língua falada por um grupo tem a propriedade de submeter os modos pessoais de percepção às grandes linhas do grupo social falante. A diversidade e as variações que dão uma feição particular ao seu modo de ver o mundo, sofrem a influência de outros modos historicamente consolidados no trabalho coletivo da linguagem, de forma que, enquanto participante do contrato social que é a língua, tenho sempre que abandonar a tendência de fechamento ao meu *idioleto*, para me inscrever no contexto sintático e semântico dos outros falantes, isto é, no contexto mais amplo de um dialeto social ou de uma língua nacional. (Seixas, 1979)

Perder o contato com a realidade linguística seria perder o contato com a própria realidade exterior, que se configura para o ser humano através dos processos linguísticos. Daí a afirmação, feita há pouco, de que a psicanálise é também uma ciência da lingua-

gem, afirmação por sua vez atrelada à concepção da ciência da linguagem como ciência da cultura.

A teoria freudiana aproxima de tal modo o “aparelho psíquico” do “aparelho linguístico” que os constituintes de um e outro são recambiáveis. Os processos primários e as catexias, por exemplo, dizem respeito tanto às formulações energéticas sobre os neurônios, compreendidos fisiologicamente em 1895, quanto à hermenêutica freudiana das palavras, compreendidas como signos linguísticos: “Na esquizofrenia as *palavras* estão sujeitas a um processo igual ao que interpreta as imagens oníricas dos pensamentos oníricos latentes – que chamamos de processo psíquico primário. Passam por uma condensação, e por meio do deslocamento transferem integralmente suas catexias de uma para as outras.” (Freud, 1915, p. 227) Todo este movimento, quando desrido de uma nomenclatura médica e vestido de outra, linguística, como fez um certo psicanalista e pensador francês, ao substituir o jargão do primeiro Freud pelo de Jakobson, pode ser coberto pelos conceitos de metáfora e metonímia.

Mas, com isso, eu pretendia chamar atenção para um outro paralelo presente no texto de Freud

em questão: enquanto na esquizofrenia determinados fatos são *falados*, na histeria de conversão por exemplo, eles permanecem inconscientes e expressos pelo corpo, já que não podem ser *falados* enquanto não se realize a *tradução* dos *sintomas corporais* para os *signos verbais*. Assim, podemos dizer que as neuroses de transferência são, em geral, constituintes dos casos que mais se prestam aos objetivos clássicos da psicanálise, onde a expressão verbal introduz na consciência um material que permanecia nebulosamente distante; que se inscrevia num outro sistema.

Está claro que para Freud a consciência se inscreve na linguagem verbal, mesmo que existam outros meios de construção e estruturação consciente. Em *O ego e o id* ele diz que não nos devemos deixar levar pela simplificação, negando a importância dos resíduos mnêmicos óticos, quando são resíduos de coisas, para tornar possível determinados processos de pensamento se tornarem conscientes.

Alguns indivíduos demonstram mesmo uma especial inclinação pelos recursos visuais e pelas suas representações, assim como outros manifestam preferência pela articulação dos mais diversos códigos.

gos, de natureza diferente da língua. As artes nos levam a modos primitivos de pensamento, operando a harmonia dos sons e das figuras – conduzindo o pensamento além dos limites estabelecidos pela civilização. Mas o observador atento arremataria: “Pensar em figuras, portanto, é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se consciente. De certa maneira, também, ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras, sendo inquestionavelmente mais antiga que o último, tanto ontogenética quanto filogeneticamente.” (Freud, 1923, p. 34)

O problema referente ao lugar da linguagem na vida psíquica, levantado por Freud, está intimamente ligado aos problemas filosóficos da teoria da linguagem. Tanto linguistas quanto filósofos da linguagem não chegaram ainda – e talvez nunca cheguem – a um denominador comum no que tange à natureza da linguagem, em geral, e da língua, em particular. Há quem considere a língua tão somente como um dos muitos sistemas da linguagem, podendo ser substituída, sem prejuízo, por outro qualquer. Segundo esta concepção, o pensamento pode se dar plenamente através de códigos ou de semióticas que

não a língua. Especialistas em pintura, em dança, em música e outras linguagens artísticas freqüentemente sustentam a possibilidade de desenvolver as mais complexas cadeias de pensamento através delas, dispensando, portanto, a linguagem verbal.

Num artigo publicado em 1978, a propósito da *Poética musical* de Strawinsky, tive oportunidade de confrontar a concepção da música enquanto linguagem das emoções, como queria Manfred Clynes ao articular seus estudos de piano com a neurofisiologia, com a concepção oposta, defendida por Mendelssohn. Este último afirmava que os pensamentos expressos em música são precisos demais para serem postos em palavras. Os defensores de um ponto de vista similar ao de Mendelssohn acreditam que lendo uma partitura ou ouvindo a execução de uma peça sobre um banquete pode-se distinguir claramente os garfos das facas. (Seixas, 1978) Mesmo admitindo tal posição extrema, convém não pertermos de vista a observação de Sapir, na dupla condição de linguista e músico, que o discurso musical reproduz no seu sistema conceitual o universo de sentidos da língua materna do indivíduo (Sapir, 1921).

Como nascemos cercados pelas palavras, seus sons e seus sentidos, nossa inserção no mundo dos homens, o mundo da cultura, está visceralmente entrelaçada à língua que nos serviu de berço. Seria possível então abandonar todo um aprendizado afetivo, intelectual e prático em favor do domínio de um código artístico, ou de outro código aprendido depois? A resposta de Heidegger seria contrária, posto que *a linguagem é a morada do ser*, no que é seguido por Lacan ao sentenciar que o homem assim se afirma porque a linguagem o fez homem.

Mas na verdade a questão é uma só: a crença na possibilidade de substituir a língua por outra semiótica deriva da concepção primitiva da linguagem enquanto pura representação do pensamento. Segundo a teoria clássica, o homem pensaria independentemente da sua língua, que seria uma mera tradução das ideias inatas. Esta teoria permite, por exemplo, que os francocentristas afirmem que a ordem das palavras da língua francesa corresponde à ordem do pensamento humano, enquanto a sintaxe das demais línguas foge a esta organização supostamente primordial. Textualmente, Diderot profes-

sa: “Nous disons les choses en français, comme l'esprit est forcé de les considérer en quelque langue qu'on écrive.” E acrescenta ainda esta pérola de ostra doente: seja qual for “l'ordre des termes dans une langue ancienne ou moderne, l'esprit de l'écrivain a suivi l'ordre didactique de la syntaxe française” (Diderot, 1751). Isso corresponde à *bem fundada* mitologia popular de que “Deus é brasileiro”.

Se no território da fantasia tudo é possível, num outro que se pretende com algum rigor, convém não conviver acriticamente com pressupostos fundados em conceitos previamente constituídos. Um linguista do porte de Chomsky, ao defender a concepção das ideias inatas no âmbito da sua gramática gerativa, reporta-se a fatos dessa natureza, quando cita a velha tradição etnocêntrica em favor dos argumentos que ao longo da história das ideias assentam o inatismo (Chomsky, 1965). Aceitar o pensamento independente da linguagem, cuja defesa está sustentada em preconceitos e dogmas, quase sempre implica na aceitação destes pressupostos. Àquele que deseja trazer para o âmbito da moderna teoria da linguagem a concepção das ideias ina-

tas cabe buscar fundamentos aceitáveis, uma vez que os argumentos fundados em crenças religiosas (por mais respeitáveis que sejam), ou na razão etnocêntrica, não podem ser considerados como argumentos de um debate de natureza filosófica nem, muito menos, científica.

Em linhas gerais e resumidas, podemos dividir os estudiosos da teoria da linguagem em duas grandes correntes: a clássica e a moderna. A primeira estaria marcada pela concepção das ideias inatas, ou pela admissão do pensamento desvinculado da língua, bem como da concepção da linguagem como representação do real. Aí, as línguas seriam conjuntos de rótulos atribuíveis a ideias e coisas preexistentes. A segunda corrente vincula as ideias e o pensamento a uma linguagem organizadora e construtora, sendo a língua materna e de uso mais constante do sujeito o sistema capaz de assumir este papel. É precisamente aí que Freud se insere, tanto através do resultado encontrado nas suas investigações clínicas, quanto nas suas formulações teóricas já expostas embrionariamente no *Projeto de 1895*.

3. 3 A REPRESENTAÇÃO COMO REALIDADE

O conceito de *representação* é fundamental para o ponto de vista defendido por Freud com relação à linguagem. Embora já apareça na monografia sobre afasia, em 1891, é em estudos como “O inconsciente” e *O ego e o id* que ele vai se consolidar, ganhando um sentido intrincado com a própria obra do autor e se afastando do uso do termo na filosofia alemã. Mas não devemos perder de vista que foi no *Projeto* que a teoria freudiana da representação começou a se estruturar de modo definitivo, conforme visto no item 2.2 deste trabalho.

Vejamos então como Freud recorre a este conceito ao descrever os distúrbios afásicos: “Uma palavra é, portanto, uma apresentação complexa” – corrigindo-se a tradução, leia-se, portanto: *representação complexa* – “ou, dizendo-o de outra forma, corresponde à palavra um complicado processo associativo no qual se reúnem os elementos de origem visual, acústica e cenestésica. (Freud, 1891, p. 243) Ele observa ainda que uma palavra adquire seu *significado* (Freud emprega a mesma expres-

são usada por Saussure) quando se liga a uma *representação do objeto*.

A *representação verbal*, ou a palavra, é tomada apenas enquanto *expressão*, ou *significante*, sendo que o *conteúdo*, ou *significado*, é visto como algo exterior à palavra. Pelo menos é o que se depreende de diversos momentos, onde Freud utiliza um conceito de linguagem diverso daquele estabelecido pela linguística moderna de inspiração saussureana, onde o *signo* é uma entidade com dupla face. Não viria desta discrepância de Freud com relação ao conceito saussureano a justificativa para a primazia do significante em Lacan? Ou...

As abordagens filosóficas menos precisas na sua compreensão da linguagem consideram o signo como uma entidade de uma só face, o plano da expressão, ou o significante; enquanto a linguística, especialmente a partir de Saussure, reconhece um signo bi-partido em *imagem mental* e *imagem acústica*, ou em *significado* e *significante*. Se temos no primeiro caso o signo tomado como uma entidade do mundo material, no segundo caso o signo é uma entidade psíquica, conforme propunha Saussure, ao filiar a sua linguística, a linguística

moderna, à semiologia, que por sua vez seria parte da psicologia social.

Como o conceito de signo conhecido por Freud era o corrente na tradição filosófica (os ensinamentos de Saussure começaram a vir a público a partir dos três cursos de Linguística Geral ministra-dos na Universidade de Genebra, em 1906-1907, 1908-1909 e 1920-1911, depois, portanto, das formulações teóricas do *Projeto*), o criador da psicanálise não pode aproveitar o rigor da contribuição saussureana que, certamente, permitiria formulações bem mais complexas.

Isolar o significante, como se o significado fosse alguma coisa exterior ao signo, pronto e preexistente, portanto, é impensável a partir da compreensão do que o fundador da linguística moderna chamou de dupla face de uma mesma moeda: *imagem acústica / imagem mental*, ou *significante / significado*. Faces inseparáveis uma da outra. Um significante que remete a outro significante, que, por sua vez, remete a outro significante, só se justifica no âmbito da tradição pré-saussureana... Após a contribuição de Saussure e de discípulos como Hjelmslev, a semiose ilimitada dá conta do deslizamento do sentido.

Segundo as lições de Saussure, a imagem acústica, ou o significante, é constituída pela sequência de sons na mente do falante. No processo da fala esta imagem é materializada pelo aparelho fonador, reduzindo-se a isso o aspecto fisiológico da linguagem, já que o aspecto psicológico é o mais amplo e o mais importante. A imagem mental, ou o significado, é aquilo que ganha lugar na mente do falante por evocação da imagem acústica ou do significante.

No artigo “O inconsciente” Freud afirma que a *representação consciente* é formada pelas representações da *palavra* e da *coisa*. Se a *representação da palavra* é o que Saussure chama de *imagem acústica*, a *representação da coisa* corresponde, de modo próximo, talvez, ao que ele chama de *imagem mental*. Esta última “consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas”, conforme as palavras de Freud, que acrescenta: “Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente.” (p. 229) Somente quando a representação da coisa é relacionada à representação da palavra é que se dá a consciência no sentido freudiano.

Sabemos que nas neuroses de transferência o recalque nega à representação a sua tradução em palavras, e que uma representação “que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no Ics. em estado de repressão”, ou de *recalque*, como seria a tradução portuguesa mais adequada. Freud só pode concluir que *a representação consciente abrange a representação da coisa mais a representação da palavra, que pertence a ela, enquanto a representação inconsciente é a representação da coisa apenas* (Freud, 1895, p. 230).

Um problema que às vezes se põe de modo vago na primeira tópica é o papel do pré-consciente (Pcs), ora colocado ao lado do Ics. e ora do Cs., o que não impede Freud de afirmar que é no Pcs. onde as representações inconscientes são vinculadas às representações verbais, possibilitando o acesso do material ao Cs.; de forma que o verbal é compreendido como precursor da consciência. Isto, aliás, explica o fato comumente verificável de um discurso verbal ser proferido sem que o seu emissor tenha consciência do que diz. É por isso que se constata, no caso da literatura, por exemplo, que *o poeta diz mais do que sabe*.

Podemos concluir as observações a respeito das relações do discurso com a vida psíquica, deixando assentado que, para que haja consciência, segundo Freud estabelece no modelo discutido, tem que haver linguagem verbal, pelo menos implícita, na forma de diálogo interior. Mas a existência da verbalização não significa que aquilo que é expresso está presente na consciência. E para comprovar este fato podemos recorrer tanto ao discurso literário, artificial, estético: intencionalmente arquitetado; quanto ao discurso do analisante, isto é, ao discurso clínico, de um lado, ou mesmo ao discurso coloquial, do outro. Aí, o sujeito fala de coisas que podem estar claras para quem escuta seu texto e observa seu contexto, mas inteiramente vagas para ele próprio.

A linguagem é, num certo sentido, o único caminho para a consciência, mas não é o único caminho que precisa ser percorrido para fazer chegar a ela: além deste caminho ainda há o que percorrer: remover.

A propósito, lembremos da negação, que já associa uma representação inconsciente a uma representação verbal, sem que tenham sido removidas todas as peças a serviço do recalque.

Do que foi dito, digo que é infundada a restrição que certas correntes fazem à linguagem, tentando criar a ilusão de que a palavra é insuficiente para dizer a razão do homem. As psicoterapias a gosto do pragmatismo e do saltitante sonho americano se pretendem inovadoras na medida em que desconhecem o papel da linguagem verbal e trabalham de modo quase exclusivo algumas outras linguagens. Como nenhum sistema é tão intimamente imbricado com a trajetória interior e social do homem como o sistema verbal, as psicoterapias que tomam estas semióticas como instrumento de acesso ficam sempre na superfície, no óbvio, dito de uma outra forma. Como modelos de terapia ocupacional são muito divertidas e até mesmo instrutivas, mas como trabalho sobre o cerne da condição humana em nada contribuem para a discussão travada pela filosofia e pelas disciplinas que se ocupam da questão. Contrariamente ao que querem os pontífices do silêncio, toda vez que caminhamos rumo ao sentido da linguagem e sua vinculação à condição humana, descobrimos que ela fala mais, sabe mais, diz mais do que a razão e a ciência do homem. Ela é o homem.

Para terminar, restituamos a palavra a Freud: “Em outro lugar, já sugeri que a diferença real entre uma ideia (pensamento) do Ics. ou do Pcs. consiste nisto: que a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, enquanto que a última (a do Pcs.) é, além disso, colocada em vinculação com representações verbais. Esta é a primeira tentativa de indicar marcas distinguidoras entre os dois sistemas, o Pcs. e o Ics., além de sua relação com a consciência. A pergunta «Como uma coisa se torna consciente?» seria assim mais vantajosamente enunciada: «Como uma coisa se torna pré-consciente?» E a resposta seria: «Vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes.»” (Freud, 1923, p. 33). Observa-se que o Pcs. não mais aparece como uma simples transição para o Cs., mas ganha o estatuto de importante sistema – vinculado ao sistema de signos que é a linguagem. E isso esvazia de tal forma, penso eu, o sentido da consciência que ela corre o risco de deixar de ser o velho totem – onde têm lugar os tabus – do homem civilizado para ser um grande sinto-ma...



CONCLUSÃO: O OLHAR CALEIDOSCÓPICO

4

O texto procura evidenciar o modo através do qual Freud coloca a linguagem como meio de acesso ao inconsciente e condição necessária da consciência.

Tomando a língua como base dos processos simbólicos do homem, a descoberta freudiana não se detém diante da sedução pelas várias semióticas, ou sistemas expressivos, mas recua à semiótica verbal: núcleo das formações simbólicas.

Se as psicoterapias modernas pretendem superar a psicanálise pela crença na insuficiência da palavra para falar o homem, Freud tem a seu favor a mais sólida tradição filosófica e linguística com relação ao papel desempenhado pelas formas ver-

bais, cuja predicação estrutura o pensamento consciente.

O *Projeto de 1895* é a primeira sistematização de alguns temas fundamentais da psicanálise, marcando a passagem da neurologia para a *psicologia do inconsciente*. O conceito de *representação* está associado à compreensão do *aparelho psíquico* como *sistema semiótico*, onde as representações podem ser equiparadas aos signos da teoria saussureana.

O homem não se diferencia na cadeia zoológica por ser *racional*, mas por ser o único *animal simbólico*.

A histeria também se inscreve na ausência de verbalização do conflito, substituindo os *signos* da fala pelos *sintomas* da conversão. Já a esquizofrenia traz consigo a afetação do discurso, conduzindo à desorganização do sentido socialmente compartilhado ou à quebra do contrato social da linguagem.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BREUER, Josef & FREUD, Sigmund
1893 Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
1895 *Estudos sobre a histeria*. *Edição standard*. Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.

CASSIRER, Ernst
1933 Le langage et la construction du monde des objets.
In Cassirer et alii: *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969 (texto originalmente publicado no *Journal de psychologie* de jan.-abr. de 1933).

CHOMSKY, Noam
1965 Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra, Armênio Amado, 1975.

DIDEROT, D.

1751 Lettre sur les sourds et muets. In: *Oeuvres complètes* de Diderot, Vol. I. Paris, Garnier Frères, 1875.

FREUD, Sigmund

1888 *Histeria. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1891 Palavras e coisas. Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a *O inconsciente. Edição standard.* Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição standard.* Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1895 *Projeto para uma psicologia científica. Edição standard.* Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição standard.* Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição standard.* Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1900 *A interpretação de sonhos. Edição standard.* Vol. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

1911 Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Edição standard.* Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.

1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. *Edição standard.* Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.

1915 O inconsciente. *Edição standard.* Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos.
Edição standard. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

1923 *O ego e o id*. *Edição standard*. Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

1925 Negativa. *Edição standard*. Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

1934 *Moisés e o monoteísmo*. *Edição standard*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

1938 *Esboço de psicanálise*. *Edição standard*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

HJELMSLEV, Louis

1943 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

LACAN, Jacques

1966 A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B.

1967 Representação. Representação de coisa, representação de palavra. In: *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa, Morais, 1976.

RICOEUR, Paul.

1965 *Da interpretação. Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

ROUSSEAU, Jean Jacques

1755 *Ensaio sobre a origem das línguas*. Obras de J. J. R., Vol. II. Obras políticas. Porto Alegre, Globo, 1962.

SAPIR, Edward

1921 *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

SEIXAS, Cid

1978 A linguagem dos sentidos na poética musical de Strawinsky. *Ciências Humanas*. Vol. II, N° 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.

1979 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

STRACHEY, James

1954 Introdução do editor inglês. In FREUD: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 381-394.

STRAWINSKY, Igor

1946 *Poética musical*. Buenos Aires, Emecé, s. d.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1922 *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo, Nacional, 1976.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1968 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragments do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo; ensaio. Rio de

Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

A poética pessoana: uma prática sem teoria; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.

Godofredo Filho, irmão poesia; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)

Poetas, meninos e malucos; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)

Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.

Literatura e intertextualidade; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.

Herberto Sales. Ensaios sobre o escritor. Salvador, Oficina do Livro, 1995.

O viajante de papel. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.

Triste Bahia, oh! quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.

O lugar da linguagem na teoria freudiana; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.

O trovadorismo galaico-português; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.

Três temas dos anos trinta; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2^a ed. Ilhéus, Rio do Engenho, 2015.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Cedap, Coleção Oficina do Livro, v. 1, E-book.br, 2014. Web: issuu.com/e-book.br/docs/camilo

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Cedap; Oficina do Livro, E-book.br, 2015. Web: issuu.com/cidseixas1/docs/torga Literatura e intertextualidade. Cedap; Oficina do Livro, E-book.br, 2015. Web: issuu.com/cidseixas1/docs/intertextualidade

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. E-book.br, UEFS, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Cedap; Oficina do Livro E-book.br, 2015. Web: issuu.com/cidseixas1/docs/cabra_cega

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Cedap, Coleção Oficina do Livro, E-book.br, v. 4, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/invencao

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Cedap, Coleção Oficina do Livro, E-book.br, v. 6, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/orpheu

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente

A Literatura na Bahia. Livro 1: *Tradição e Modernidade.* Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomodernidade

1928: Modernismo e Maturidade. Livro 2 de *A Literatura na Bahia.* Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/1928

Três Temas dos Anos 30. Livro 3 de *A Literatura na Bahia.* Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/anos30

A essência ideológica da linguagem. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1

Linguagem e conhecimento. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2

Sob o signo do estruturalismo. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Feira de Santana, E-book.br, 2016.

Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3

O contrato social da linguagem. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Feira de Santana, E-book.br, 2016.

Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4

ALinguagem: do idealismo ao marxismo. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Feira de Santana, E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5

Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções. E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky

Castro Alves e o reino de eros. E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/eros

Espaço de transgressão e espaço de convenção. E-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/espaco

PARTICIPAÇÃO

CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Breve romanceiro do natal*; antologia poética. Salvador, Beneditina, 1972. (Coautoria)

CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Sete cantares de amigo*; antologia poética. Salvador, Arpoador; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1975. (Coautoria)

CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Lira de bolso*; poesia. Salvador, Arpoador/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1975. (Coautoria)

VV.AA.: *Antologia de Poetas da Bahia em Alfabeto Braille*; poesia. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976. (Coautoria)

TAVARES, Luis Henrique Dias et alii: *Jorge Amado. Ensaios sobre o escritor*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1983. (Participação com o poema “Bahia de Todos os Santos”, dialogando com a obra amadiana.)

TORGA, Miguel: *Novos contos da montanha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996. (“Apresentação à edição brasileira”, p. 1-8.)

GUERRA, Guido: *Vila Nova da Rainha Doida*; contos. Rio de Janeiro, Record, 1998. (“Os contos de Guido Guerra”, abas 1-2.)

DAMULAKIS, Gerana: *O rio e a ponte; à margem de leituras escolhidas*. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 1999. (“A obra e o leitor: uma ponte necessária”, abas 1 -2.)

TORGA, Miguel: *Contos da montanha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999. (Artigo: “Os Sonhos do Sujeito e sua Construção Social”, p. 1-10.)

BRASIL, Assis: *A Poesia Baiana no Século XX. Antologia*. Rio de Janeiro, Imago, 1999. (Participação com dois poemas: “Pasto das águas” e “Tebas revisitada: Cidade da Bahia”, p. 213-215.)

CASTRO, Renato Berbert de. *As candidaturas de Almachio Diniz e Wanderley Pinho à Academia Brasileira*. Salvador, Academia de Letras da Bahia; Assembléia Legislativa, 1999. (Artigo: “Renato Berbert de Castro: o viajante de papel”, p. 7-12.)

AZEVEDO et alii. *Um grapiúna no país do Carnaval*. Org. e revisão Vera Rollemburg. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado; Edufba, 2000. (Artigo: “O sumiço da santa: Um painel colorido da cultura mestiça”, p. 333-340.)

BRASILEIRO, Antonio. *A estética da sinceridade & outros ensaios*. Feira de Santana, UEFS, 2000. (“Estética brasileira e identidade pessoal”, abas 1-2.)

GUERRA, Emilia Leitão: *Poemas escolhidos*. Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2000. (“A poesia ‘familiar’ de Emilia Leitão Guerra”, p. 7- 17.)

PEREIR, Roberval. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana, UEFS, 2000. (“Unidade do moderno e do contemporâneo”, abas 1-2.)

CUNHA, Carlos. *A flauta onírica e novos poemas*. Salvador, Edições Cidade da Bahia; Fundação Gregório de Mattos, 2001. (Artigo: “Do velho preciosismo ao non sense pós-moderno”, p. 151-159.)

PÓLVORA, Hélio, org. *A Sosígenes, com afeto*. Salvador, Edições Cidade da Bahia; Fundação Gregório de Mattos, 2001. (Artigo: “Sosígenes Costa, epopéia cabocla do modernismo na Bahia”, p. 75-84.)

RIBEIRO, Carlos, org. *Com a Palavra o Escritor*. Salvador, Casa de Palavras; Fundação Casa de Jorge Amado, 2002. (Artigo: “Com a palavra Guido Guerra”, p. 64-73.)

BARROS, José Carlos. (Org.). *Bahia: Poetas e Poemas Contemporâneos*. Salvador, Módulo, 2003. (Poemas escolhidos, p. 67-76.)

CANIATO, B. Justo; GUIMARÃES, Elisa, org. *Linhas e entrelinhas: Homenagem a Nelly Novaes Coelho*. São Paulo: Editora Casemiro, 2003. (Artigo: “Academia dos Rebeldes: Revisitando uma proposta não esboçada”, p. 71-76.)

GUERRA, Guido. *Auto-Retrato*. Salvador, Fundação Gregório de Mattos, 2003. (Artigo: “Auto-Retrato do Escritor Guido Guerra”, p. 285-291.)

MATTOS, Cyro; FONSECA, Aleilton, org. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus, Editus, 2005. (Artigo: “Iararana, um documento dos anos 30”, p. 143-156.)

LEITE, Oliveira. (Org.). *Vertentes culturais da literatura na Bahia*. Salvador, Quarteto, 2006. (Artigo: “Jorge Amado e o canto épico da mestiçagem”, p. 39-50.)

HOISEL, Evelina; RIBEIRO, M. de Fátima. (Org.). *Viagens: Vitorino Nemésio e intelectuais portugueses no Brasil*. Salvador, UFBA, 2007. (Artigo: “Hélio Simões e as relações luso-brasileiras”, p. 49-56.)

GILFRANCISCO. (Org.). *Musa capenga* (obra esquecida de Edson Carneiro). Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2007. (Artigo: “A poesia de Édison Carneiro redescoberta por Gilfrancisco”, p. 11-19.)

GUERRA, Guido. *Imortal irreverência: depoimentos e entrevistas*. Salvador, Ponte da Memória; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2009. (Artigo: “Guido Guerra: do jornalismo à criação literária”, p. 15-22.)

GUERRA, Guido. *Imortal irreverência: depoimentos e entrevistas*. Salvador, Ponte da Memória; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2009. (Depoimento: “A timidez escondida”, p. 119-138.)

HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. *Poesia e Memória: A poética de Myriam Fraga*. Salvador, Edufba, 2011. (Artigo “Palavra de mulher, coisa fecunda”, p. 291-294.)

MATTOS, Cyro de. *Berro de fogo e outras histórias*. Ilhéus, Editos, 2013. (Artigo de introdução ao livro: “A força selvagem”, p. 9-12.)

SEIXAS, Cid; EYSEN, Adriano, org. *Orpheu em Pessoa*. Cedap, Coleção Oficina do Livro, E-book.br, v. 6, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/orpheu (Artigo: “Fernando Pessoa, centro constelar do grupo Orpheu”, p. 161-180.)

EUCLIDES NETO. A última caçada; contos. Seleção, introdução e notas de Cid Seixas. Coleção Oficina do Livro, E-book.br, 2017. Web: <https://issuu.com/euclides-neto/docs/1> (Artigo: “O Contista Euclides Neto”, p. 9-12.)

EUCLIDES NETO. O advogado e o burro ladrão; conto. Seleção, introdução e notas de Cid Seixas. Coleção Oficina do Livro, E-book.br, 2017. Web: <https://issuu.com/euclides-neto/docs/2> (Artigo: “Uma Pequena Grande Obra”, p. 11-16.)

O QUE É A **e-book.br**

A Editora Universitária do Livro Digital, **e-book.br**, é um projeto editorial compartilhado por universidades e instituições de ensino e pesquisa voltadas para o trabalho de difusão do livro. Conta atualmente com a participação do CEDAP, da UEFS e da UNEB, com vistas ao apoio da Biblioteca Nacional.

Os trabalhos publicados pela Editora Universitária do Livro Digital são de acesso gratuito aos leitores.

Os livros eletrônicos da **e-book.br** são concebidos para comportar tiragens impressas, como vem ocorrendo com as **Edições Rio do Engenho**.

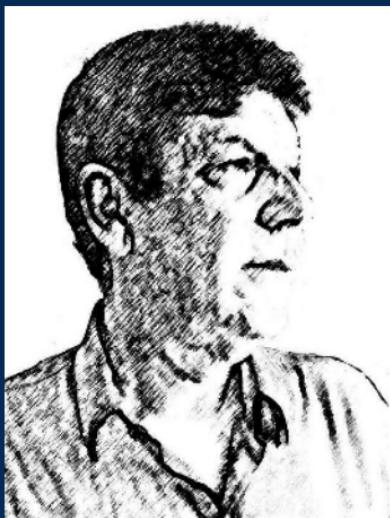
Visite nossas páginas:

www.e-book.ufes.br

www.linguagens.ufba.br

<https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>

<https://issuu.com/cidseixas/docs/inconsciente>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado na Bahia pelos Diários Associados. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP.

Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas – entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio Letras*, de Lisboa –, assinou, durante cinco anos, a conceituada coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*, de Salvador.

DO INCONSCIENTE À LINGUAGEM

Uma teoria da linguagem
na descoberta de Freud
por Cid Seixas

Paralela e independentemente dos postulados de Saussure, Freud esboçou uma teoria neurológica da linguagem que ultrapassa os limites da ciência, situada no limiar dos séculos XIX e XX, para se inscrever entre as formulação de uma nova e avançada filosofia da cultura.

Desde os escritos iniciais, passando pelo *Projeto* de 1895, até os últimos textos que nos le-gou, Freud vincula a linguagem verbal aos elementos das suas tópicas. A bibliografia constante deste trabalho coincide com os momentos da obra do criador da psicalálise nos quais a palavra fulgura como condição da consciência e estrutura concreta do inconsciente.

e-book.br

EDITORIA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL